

Pacto chega aos líderes

Os empresários e sindicalistas signatários dos documentos apresentados ontem como proposta para o entendimento nacional interromperam a reunião do colégio de líderes, na Câmara dos Deputados, para entregar cópia das proposições ao Congresso Nacional. A iniciativa provocou elogios de toda as lideranças, inclusive da oposição, ainda que não contasse com a participação da CUT, mas recebeu, também, algumas críticas. O deputado Ibson Pinheiro, líder do PMDB, considerou a visita como uma valorização do Poder Legislativo como fórum para o entendimento, mas o líder do movimento Força Sindical, Luiz Antônio de Medeiros, negou, ao deixar a reunião dos parlamentares, que tenha eleito o Congresso "como fórum de coisa nenhuma" e acompanhou o grupo que repetiu o encontro com líderes do Senado, no gabinete de Nelson Carneiro.

De posse das propostas dos empresários e trabalhadores, lidas inclusive pelo coordenador do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), Emerson Kapaz e pelo presidente da CGT, Canindé Pegado, os líderes comprometeram-se em reunir suas bancadas para estudar as propostas e incorporar o que julgarem viável no Projeto de Lei de Conversão da Medida Provisória de Política Salarial. Os representantes dos partidos de oposição enalteceram o trabalho conjunto, mas lembraram que, até agora, o Congresso Nacional estava sendo marginalizado. "É como um jogo, o passe já foi mal dado", disse Haroldo Lima, do PCdoB. O representante do PDT, Miro Teixeira, propôs a prorrogação da sessão legislativa para que haja tempo de se estudar as propostas e redigir uma nova política salarial, mas perguntou aos visitantes como reagiriam a uma negativa do Governo, uma vez que muitas sugestões já foram feitas pelo Congresso à ministra Zélia Cardoso de Mello, da Economia, e não foram aproveitadas.

Os líderes do PT e do PCB, Gumercindo Milhomen e Augusto Carvalho, questionaram a ausência da CUT e de outras entidades representativas dos trabalhadores. Carvalho quis saber como se processou a elaboração do documento que deixou a CUT de fora. As respostas foram dadas pelo diretor da Fiesp, Paulo Francini, que informou sobre a resistência da Central Única dos Trabalhadores em sentar-se à mesa para discutir o assunto sem a presença do Governo. Disse que chegou a procurar os economistas do PT, Paul Singer e Aloizio Mercadante, para que intercedessem pela participação da CUT, mas não obteve sucesso.